

RELIGIÃO E PATRIA.

PERIÓDICO RELIGIOSO, POLÍTICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

ADMINISTRADOR — J. A. DE FARIAS E SILVA.

SEM ESTAMPILHA.
Por uma serie ou 50 números 1\$200 rs.
Por 25 números 600 rs.
Folha avulso 40 rs.

Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias particulares 30 rs. por linha.
— As publicações literarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador d'este jornal.

COM ESTAMPILHA.
Por uma serie ou 50 números 1\$450 rs.
Por 25 números 725 rs.
Folha avulso 50 rs.

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS E SABBADOS.

1.ª SERIE

Sabbado 23 de Maio de 1863.

N.º 35.

GUIMARÃES 18 DE MAIO.

JESUS CHRISTO REAGINDO CONTRA O VIMARANENSE.

(Continuado do n.º 33.)

Proseguindo no seu mau proposito de contrariar a verdade, o *Vimaranense* não foi desta vez mais feliz que das precedentes.

Haviamos nós dito :

«O Christianismo reagiu . . contra todas as dissoluções pagãs, contra todas as crueldades, contra todas as devassidões, contra todos os instinctos ferozes ou perversos, contra a escravidão, contra o infanticidio, contra o despotismo execravel dos Nerós e dos Caligulas etc. » E o que nos ha-de responder o *Vimaranense* !

«Erganaes-vos, cerzidores de embustes, diz elle. O Christianismo não reagiu contra nenhuma d'essas cousas. O Christianismo não reagiu contra o despotismo, e J. C. disse — dae a Cesar o que é de Cesar, mas também disse — a verdade vos fará livres, e o despotismo cahiu ! »
E assim, contrariando-se a si proprio, injuriando-nos, e affrontando a arte de es-

crever que o *Vimaranense* pretende oppor-se ao que dissemos.

Aquelle periodo e outros mais que se lhe vão seguindo, cada qual peor, são de tal natureza que mal podem entrar em discussão. Mas paciencia ! Continuaremos a descer com a analyse até onde o collega nos fizer descer, já que promettemos acompanhá-lo.

O Christianismo não reagiu contra nenhuma d'essas cousas, disse elle, oppondo-se de um modo terminante e absoluto a tudo aquillo que affirmamos; e para se desculpar d'esta extravagancia flugiu perstadir-se que por havermos dito que o Christianismo reagiu contra todas as dissoluções pagãs etc. etc. quizermos com isso dizer que o Christianismo investiu as sociedades corrompidas do paganismo, que foi contra ellas de mão armada, que perseguiu e guerreou a ferro e fogo os despotas e os tyrannos. E tanto é verdade fingir-se d'isto persuadido que um pouco mais abaixo exclama elle :

« Pois o Pacificador do mundo podia entrar na liça dos combates ? »

« Pois o Salvador do genero humano podia trazer o gladio implacavel do castigo ? »

sar de o dizer, mas os grandes genios, que nos dizem e redizem até ao infinito «vós não sois scientificos» não o são sempre mais fortemente; eu vejo como vós o que a sciencia acaba de fazer n'este cahos.

Primeiramente, snrs., que tudo é Deus, ou que Deus é tudo, é uma hypothese, que é forçoso aceitar sem demonstração. E, eu vol-o hei dicto, o ponto de partida da sciencia pantheistica. E para vós um axioma como os axiomas da geometria. Mas, em verdade, dizer-vos que tudo isto é gratuito, inexplicavel, não demonstrado, não basta; tudo isto é positivamente contradictorio; não estamos então só no mysterioso, estamos em pleno absurdo. Supponde que Deus e o mundo não são duas cousas distinctas, mas uma só cousa; escapaes manifestamente ás difficuldades do atheismo, que não admite formalmente nenhum Deus, e ás difficuldades do dualismo, que admite virtualmente dois Deuses.

Muito bem. Mas como podeis sair do muro de bronze, em que se encerra aqui a vossa metaphisica? Como escapaes a estes dois desesperos scientificos, o desespero de conhecer o começo e o desespero de conhecer o fim?

Dizeis que o vosso Deus se desenvolve

« Pois o Filho de Deus que encarna e se faz homem para morrer pelos nossos peccatos e redimir-nos da culpa, podia vir castigar-nos? . . (O que abri vai! . .) »

« Está aqui, continúa elle; o vosso erro é a vossa ignorancia incomparavel ! Na verdade, já é preciso haver paciencia para levar isto a serio. »

Senhores do *Vimaranense*, nas fileiras christãs o homem vence morrendo, resiste á tyrannia oppondo a virtude ao crime, e dando o corpo ao ferro dos tyrannos, feage pela força de suas convicções e pela confissão sincera de sua fé, contra todos os despotismos; ainda que sejam d'aquelles que trazem uma mascara de liberdade para opprimir as consciencias em nome da liberdade, empenha-se por convencer os outros d'aquillo de que elle mesmo se acha, convencido, resiste-lhes, quando é preciso, pela idea, pelo argumento e pela supplica, desobedece-lhes com firmeza n'aquillo que possa contrariar a obediencia que se deve a Deus; mas não persegue, não fere, não violenta ninguém por dissentir de suas crencas e por não querer inclinar-se diante de suas opiniões.

Este privilegio pertence-vos a vós e aos vossos homens da acção, pertence aquelles

e que o seu desenvolvimento é o mesmo movimento do mundo. Mas dignar-vos-heis responder a esta gravissima difficuldade? Por que razão se desenvolve o vosso Deus-mundo? Se é finito, e, como tal, susceptivel de se engrandecer e de se desenvolver, como pode ser Deus, isto é, infinitamente perfeito? E se é infinito, que necessidade tem de crescer? O que é o infinito que se torna maior do que o infinito? Os metaphisicos! aonde vos leva a metaphisica?

Mas deixemos passar; admittamos que o infinito se desenvolve! E' um facto, dizeis. Seja. Mas ao menos é licito perguntar de que natureza é este desenvolvimento? Esses que o affirmam tão affoutadamente devem sabel-o. Este desenvolvimento é livre? logo podia deixar de existir, e, em qualquer momento, em virtude da sua liberdade, pode paralyzar, e, n'esta hypothese, o que vem a ser a theoria famosa do progresso fatal, parte integrante e essencial da sciencia pantheistica? Ao avesso, este desenvolvimento é necessario? Então forçoso é admittir que se recebia segundo linhas inflexiveis e em proporções necessarias como elle; ha aqui uma geometria de desenvolvimento divino.

E desde então, eu vos supplico, o que

que recorrem ás bayonetas para carregar alguns milhares de reaccionarios inimicos e pacificos; cujo delicto é solemnizarem o dia natalicio do mais augusto dos martyres, é desejarem que viva o Soberano Pontifice da Igreja, e darem um publico testimonho de seu amor, por entre as alegrias innocentes de uma festa, ao angelico Pio IX, Pae commum dos fieis, e a causa santa e divina da Religião de Christo!

Mas voltando agora á questao que outra cousa fez o Christianismo, principalmente nos primeiros tres seculos de sua vida, que não fosse o reagir constantemente pela palavra inspirada de seus apóstolos, pelo sangue e pelo heroismo de seus martyres, pela sciencia de seus apologistas e pelas virtudes celestiales de todos os seus santos contra a torrente pagã que inundava o mundo?

Que outra cousa fez que não fosse o reagir contra a deshumanidade do pae que assassinava os filhos; contra o jugo tyrannico e aviltador que pesava sobre a mulher; contra a iniquidade da escravidão e contra as leis do mundo que ultrajavam a unidade das raças humanas; contra a crueldade do direito da guerra que punha a villa do prisioneiro e do vencido á disposicao do vencedor, contra as volu-

podemos pro ou contra um progresso, que não pode deixar de ser, e que é fatalmente tudo o que é, e tudo o que pode ser? O que responde a isto a sciencia pantheistica? Snrs. nada responde, e na verdade não tem outro partido a tomar.

Mas enfim, livre ou necessario, admittamos o desenvolvimento divino tal qual é. Apresenta-se outra questao: este desenvolvimento terá um termo ou não? applicai-vos? E' primeiramente pergunta á logica «por que não ha-de ter um termo?»

Pois que este infinito caminha e caminha sempre, é provavelmente para chegar a um ponto, e se acaso cresce e cresce se a cessar, como não ha-de chegar por fim a achar a sua plenitude? Pois que se não ha-de chegar a sua plenitude, o infinito propriamente segue o seu curso; porque razão não have-nos de ter como termo final um infinito completo, um infinito acabado, um infinito perfeito? Se o infinito tem infancia, adolescencia, um aceso continuo, por que razão não ha-de ter um dia de madureza, e quem sabe? porque não ha-de ter no fim uma decrepitude e uma decadencia? e chegado a este ponto, o que se tornará o progresso? Grande Deus! . . .

(Continúa.)

FOLHETIM.

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

REGITADAS NO VASTO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIZ

Pelo Reverendo padre FELIX n'esta Quaresma de 1863

SEGUNDA CONFERENCIA.

O MYSTERIO DA CREAÇÃO E A SCIENCIA DO MUNDO.

(Continuado do n.º 34.)

Comprehendeis, que cada ser, que na criação vos apparece, é uma forma de Deus, e o homem a sua face mais radiosa. Comprehendeis principalmente o que deve ser a ultima palavra da sciencia do mundo, a saber, que toda a creatura, ou melhor, tudo aquillo, a que daes este nome, é uma explosão espontanea do ser na superficie do infinito. . . .

Comprehendeis enfim. . . . Mas não, dizeis, não comprehendemos tudo isso. Ah! Snrs. Deus nos perdõe, mas eu não comprehendo senão isto. Tenho pe-

ptuosidades sanguinolentas ou infames do circo e do theatro; contra os excessos e contra os rigores crueis da justiça criminal que arremessava o culpado á arena, ou que o marcava na fronte ou que o atava n'uma cruz; contra a tyrannia do fisco e contra o despotismo que tornava a propriedade incerta e que desalentava o trabalho?

Que outra cousa fez o Christianismo que não fosse reagir, isto é, lutar constantemente com o velho mundo e fazel-o cahir com suas superstições, suas devassidões, suas leis iniquas e sanguinarias, seus costumes, seus habitos, seus instinctos crueis, sua sciencia e sua orgulhosa philosophia, diante de uma cruz que pouco antes, havia sido rejeitada como uma loucura e um escandalo?!

E desde então para cá, o que tem elle feito, senão continuar a reagir contra a acção permanente do anti-Christianismo que o persegue e accomette sob mil formas diversas?

Que seculos decorreram que se não assinalassem por uma reacção e por um triumpho alcançado pelo Christianismo sobre o genio do mal e sobre o espirito da revolta?

E prescindindo mesmo d'estas reacções brilhantes era que a força de Deus folga ás vezes de manifestar-se, quem é que não se esforça de inferior de si proprio este esforço da virtude que relucta com o vicio? esta voz intima da consciencia que contraria as mais queridas propensões de nossa natureza corrompida, e que quasi sempre vae collocar uma dôr ali mesmo onde esta natureza havia contado com um prazer?

Quem haverá tão adormecido e descuidado que não sinta, que a vida humana é um combate sem tregua entre a natureza e a consciencia, entre o homem do espirito e o homem das sensações, entre o homem terreno e o homem resgatado para o Ceo?

E ahí, no interior de cada homem, essa virtude que relucta, essa consciencia que desaprova, esse espirito que resiste e esse outro homem que se eleva acima de sua propria força, não terá por mais que uma vez, mostrado ao *Vimaranense*, como o Christianismo é reaccionario? como J. C. é um grande reaccionario?

Na verdade, este *Vimaranense* é deploravel, porque é cego e surdo e dispartado, quando oppoem J. C. á reacção e quando não vê a reacção em J. C.; é realmente deploravel porque é dispartado em demasia quando escreve periodos taes como aquelle que no principio transcrevera-mos e que de balde pertenderiamos examinar; são meia duzia de linhas perfeitamente fechadas a toda a critica.

Enganais-vos cerzidores de embustes, diz o tal periodo. O Christianismo não reagiu contra nenhuma dessas cousas (reagiu contra todas e ainda contra muitas mais) «O Christianismo (continua elle) não reagiu contra o despotismo (estamos na mesma) e J. C. disse dae a Cesar o que é de Cesar (-) (adeus...) mas disse tambem (não sabemos quando) a verdade vos fará livres e o despotismo cahio! Passe por lá muito bem.

(Continúa.)

(-) J. C. não disse simplesmente: dae a Cesar o que é de Cesar.

Quando os fariseus lhe perguntaram se era licito ou não, dar o tributo a Cesar (havia n'esse tempo questão se era justo ou injusto este tributo) o Divino Salvador conhecendo a malicia d'aquelles hypocritas, reprehendendo-os e admirando-os com a

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DEPUTADO PINTO COELHO, NA DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI DE REFORMA DO ENSINO, NAS SESSÕES DA CÂMARA DOS DEPUTADOS DE 14, 16 E 17 DE MAIO DE 1862.

Em sessão de 16 de Maio

(Continuação.)

Um anno depois de tomada esta medida, dizia já o mesmo ministro no seu relatório, que «por toda a parte começavam a sentir-se os effeitos prodigiosos do restabelecimento destas preciosas instituições:»

«A ordem, e a moral, (acrescenta elle) a economia e os cuidados da humanidade reentraram nos hospícios com estas respeitáveis mulheres, que tem por alvo unico de seus desejos a consolação dos infelizes.»

Pouco depois formulava a Eschola Médica de Paris o seu voto sobre o assumpto nos termos seguintes:

«Dentre os estabelecimentos uteis, suprimidos em uma certa época de revolução, nenhum fez tanta falta como o das irmãs da caridade: e o publico applaudiu a resolução do ministro que reintegrou essas irmãs nos diferentes hospícios em que anteriormente prodigalisavam, com tanto zelo e coragem os seus cuidados, aos pobres doentes que lhes eram confiados.»

Seguiu-se o imperio; a extensão da guerra fez multiplicar os hospícios militares por toda a parte; e em toda a parte foi reclamado o auxilio inimitavel das irmãs da caridade.

Em uma carta, datada de 3 d'abril de 1807, e dirigida pelo ministro dos Cultos ao prefeito de Puy le Dome, leio eu o seguinte:

«S. M. convenceu-se, nas suas diferentes viagens, de que todos os hospícios, confiados a simples administrações civis, davam fracos resultados, e de que os pobres eram n'elles tratados com negligencia, e ás vezes com dureza, por parte dos agentes mercenários. Em consequencia do que me ordenou que enviásse irmãs de caridade para os departamentos d'alem dos Alpes, e para toda a parte onde as não houvesse.»

A necessidade d'ellas tornou-se mesmo tão visivel, e tão urgente, que não bastando os socorros da caridade particular, posto que grandes, para o rapido desenvolvimento do seu instituto, o imperador entendeu que devia subsidiá-las.

O decreto de 3 de fevereiro de 1808 abria-lhes no orçamento d'esse anno um credito extraordinario de 182:500 francos: segurou-lhes mais 130:000 francos de subsidio permanente por anno: e concedeu-lhes egualmente todas as casas que ellas pedissem para o serviço de seus estabelecimentos.

E por fim o decreto de 15 de fevereiro de 1809 regulou definitivamente o estabelecimento da congregação, permitindo-lhe os votos, reconhecendo-lhe o direito de adquirir quaesquer bens por titulo oneroso ou gratuito, e diminuindo-lhe até o direito de registro relativo a essas acquisições.

profunda sabedoria de sua Palavra, lhes disse: Dae a Cesar o que é de Cesar, E A DEUS O QUE É DE DEUS (Matt. 22—17 até 22.

Esta segunda parte da resposta de J. C. é muito reaccionaria, e não faz conta nenhuma ao *Vimaranense* que só pede para Cesar e que só se lembra de Cesar.

Eu peço ainda licença á câmara para ler alguns paragraphos do relatório d'esse decreto, magistralmente redigido pelo conde *Regnaud Saint Jean d'Angely*.

Tratando especialmente do serviço dos pobres, diz elle:

«Servir a Deus sobre a terra, desempenhando o primeiro dos deveres religiosos, que é o da caridade; escolher, d'entre as obras de caridade, aquellas que absorvem todos os momentos da vida, as que oferecem maiores difficuldades na pratica, as que exigem uma luta incessante com essa repugnancia que a natureza nos inspira sempre á cabeceira de certos doentes; preencher esses deveres com uma ternura affectuosa para os desgraçados: tal é o caracter commum das religiosas hospitalarias.»

«É impossivel desconhecer nestes trabalhos a mão tutelar da religião, que parece elevar acima da humanidade os seres fracos que ella destina ao cumprimento de taes deveres.»

«Estes sentimentos de religião e caridade, reforçam-se e animam-se pela reunião, em congregação, das pessoas, que os professam.»

«O exemplo mutuo; a submissão a uma mesma regra, que tem por fim consagrar aos pobres a vida inteira; a abnegação de todo o interesse alieio dos pobres; a certeza de um estado ao abrigo de mudanças; tudo concorre para que a dedicação seja completa e invariavel.»

A reunião em congregação se deve tambem a conservação admiravel de costumes purissimos, no meio da corrupção de grande numero de pobres, admittidos nos hospícios, ou soccorridos em casa pelas religiosas.»

«Estas mulheres tem por amparo da sua virtude, não só o sentimento de seus deveres, e o respeito que inspira a propria obra de caridade que ellas fazem; senão tambem o espirito do corpo, que lhes faz recejar, como uma das maiores desgraças, o perigo de mancharem, por qualquer modo que seja, o credito d'uma congregação, que chegou a inspirar a publica veneração.»

«É assim que uma mulher, fraca por natureza, impõe respeito ao vicio mais audacioso; e custá o ter de deixar sem socorro aquelle mesmo, que por sua depravação inspiraria temor ou horror a qualquer outra pessoa.»

«O desejo de alliviar a humanidade que soffre fez em todos os tempos objecto da sollicitude dos príncipes e meditação dos philosophos. Ninguém, todavia, concebeu idéa, nem mais fecunda, nem mais segura, nos seus resultados, do que S. VICENTINHO de Paulo.»

«Em vão se poderiam esperar resultados eguaes das instituições ordinárias. Seria um erro acreditar que se acias em tão geralmente derramados os sentimentos de humanidade, que fosse facil encontrar pessoas de um e outro sexo, que consagrassem todo o seu tempo ao cuidado dos pobres.»

«A experiencia o demonstrou, já nesses tempos de perturbação religiosa e civil, por que passámos.»

As religiosas hospitalarias redobravam então de zelo: quanto mais as atormentavam, mais a Religião lhes tornava sagrados os seus deveres.»

«No entretanto, quando o culto se procreveu, e ellas foram arras tadas pela torrente devastadora; apresentaram-se ás portas dos hospícios, para tratar dos doentes, pessoas que ali eram levadas pela propria precisão; chegaram a introduzir-se n'esses hospícios familias inteiras; e sobre pretexto das diversas funções que ali eram gratuitas, devorou-se uma par-

te da subsistencia dos pobres; e muito hospícios chegaram mesmo a serem abandonados.

«Os proprios que lá entraram sem vistas de expoliação, careciam, em todo o curso, de um sentimento essencial, que era o da abnegação pessoal.»

«Tinham os seus negócios a tratar, as suas familias a sustentar, e não podiam mesmo renunciar completamente aos prazeres e habitos da sociedade: não podiam alem d'isso ter pelos pobres esta sollicitude, esta affeição de que a razão se espanta, quando não é engrandecida e aperfeiçoada pelos sentimentos religiosos.»

«O paiz da Europa, em que o governo faz maiores despezas com os pobres, é a Inglaterra, e todavia os pobres não experimentam ali nem as consolações, nem os cuidados que devem em França, ás irmãs hospitalarias.»

«Na Inglaterra, como no resto da Europa se experimentam os mesmos inconvenientes que na Italia. Criam-se estabelecimentos para os pobres em geral: mas falta a cada pobre em particular, um benefitor, um consolador.»

«Nos hospícios de França, pelo contrario, cada doente conta com aquella irmã, que o serve, como se fosse o objecto unico de seus zelosos cuidados.»

«As religiosas hospitalarias, formam pois um instituto, que tem elevado a França ao primeiro grau de importância debaixo do ponto de vista de que se trata.»

«Ellas offerecem alem d'isso um assombroso espectáculo dos grandes effeitos da religião.»

«Sem fallar no respeito que ellas inspiram á classe numerosa entre que derramam os seus beneficios: que impressão não sentirá o homem incredulo, ou tibio, ao ver que só a Religião pode dar a força d'alma, e o calor de sentimentos necessários para adogar os males do proximo?!»

«O quadro que offerecem sem cessar, os zelosos cuidados d'essas mulheres religiosas, que vão em socorro dos pobres, ou que os servem nos hospícios, é o espectáculo mais proprio para fazer respeitar a religião por todas as classes de cidadãos.»

Sr. presidente. Não se pôde descrever, nem com fides verdade, nem com mais eloquencia, o caracter divino d'esta instituição, do que o faz o documento official, que acabei de ler.

O que conde de *S. Regnaud* previa, realisou-se. O instituto das irmãs da caridade levantou-se para nunca mais tornar a cahir.

Que de revoluções, que de mudanças politicas, tem passado por cima da França desde 1809 até hoje!

E todavia, tal é a veneração publica, que cerca e rodea as irmãs da caridade, que todos os partidos em França, as tem respeitadas, todas as revoluções as tem acatadas!

Restabelecidas pelo imperio, tiraram cahir o imperio, e ellas continuaram a prosperar.

Nos dias de junho dividiram-se pelo dois campos, e levavam eguaes socorros a uns, e outros combatentes.

Em 1848, os sublevados abaixavam as armas quando ellas passavam.

E ainda hoje o herdeiro de Napoleão, o Grande, recorre a ellas, e lhes entrega os feridos e doentes dos seus exercitos, na paz e na guerra.

E n'esta parte, permittame o sr. ministro da marinha, que ao parecer, que leu, de circunção que visitou não sei quantos dias esses estabelecimentos e se informou não sei com quem do que se passava n'elles, contraponha nada menos do que o parecer

de Napoleão I, e Napoleão III, que decerto viram melhor, e estudaram mais esse negocio do que o cirurgião adventico.

Estava reservado para o sr. ministro da marinha o vir aqui negar, e com tão fragil fundamento, o que é opinião assentada entre os governos do primeiro e do segundo imperio; e o que ficou sendo opinião assentada para todos os governos civilizados depois da guerra da Criméa.

Não é só na França que se comprehende hoje o que são e o que valem as irmãs da caridade.

Na Italia — na propria Italia — tem ellas feito taes milagres, que até a impiedade da revolução as tem respeitado.

Chamadas pelo Piemonte muito antes de rebentar a guerra com a Austria, tem assistido impassiveis e inatacaveis a essa constante perseguição religiosa.

As ordens monásticas foram lá dissolvidas, os monges dispersaram-se, os bens foram arrebatados pelo governo, os prelados e parochos perseguidos, declarou-se guerra a tudo o que professava a religião de Roma: e no meio d'esse desenfreado atheismo só as irmãs da caridade foram respeitadas, só ellas continuaram em communidade, e, o que é mais, o proprio governo de Victor Manoel lhes deu protecção e apoio.

Sabe v. ex.^a, sr. presidente, quantos hospitaes militares o governo da Italia entregou a direcção e cuidado das irmãs da caridade, só no anno de 1861? Sete.

E este facto, é só por si, bem mais significativo, e muito menos insuspeito, do que esse relatório, não sei de quem, que o sr. ministro da marinha aqui nos veio ler.

Tenho tambem diante dos olhos o relatório feito acerca d'esses hospitaes por *Mistress Jameson*, uma senhora protestante, de immenso credito em Inglaterra, e que tem consagrado a melhor parte da sua vida ao estudo d'esta questão, e nella leio o seguinte:

«Um dos directores do grande hospital militar de Turin me declarou que uma das melhores accões da sua vida era ter recommendado e facilitado a introdução das irmãs da caridade n'aquelle estabelecimento.»

«Antes d'ellas alli serem admittidas, os soldados doentes eram tratados por enfermeiros tirados dos quarteis, e escolhidos do ordinario entre os homens considerados como impróprios para todo o demais serviço.»

«Era preciso recorrer á disciplina mais rigorosa para manter uma apparencia de ordem entre elles: a falta de limpeza, o de-alinho a negligencia a immoralidade, tinham chegado a um grau verdadeiramente assustador.»

«Todavia a auctoridade medica e a militar resistiram constantemente á substituição, desse regimen, até que a colera invadiu o estabelecimento ao aspecto terrivel do flagello os enfermeiros, feridos de terror, recusaram-se a servir. Foi neste momento de perplexidade, e de panico geral que se decidiu emfim chamar as irmãs da caridade.»

«Desde então tudo mudou de face, o aceio, os cuidados zelosos e dedicados, o conforto em todos os sentidos fizeram esquecer promptamente a antiga desordem.»

«Não se passa um dia, accrescentou o meu interlocutor, que eu não agradeça a Deus esta mudança, de que tive a ventura de ser o instrumento humilde.»

(Continúa).

EXTERIOR.

O povo romano não cessa de dar as mais exuberantes provas do seu affecto e de-

dicção ao Summo Pontifice, não só como soberano espirital, mas até como, temporal. A festa puramente politica que teve lugar em Roma no dia 12 de Abril; anniversario do regresso de Sua Santidade de Gaeta, aonde esteve refugiado por causa da revolução Mazzinista de 1848, é o testemunho irrefragavel d'esta ordem, e d'isto se collige tambem que os romanos querem mostrar que estão muito satisfeitos com o governo pontificio, e que de nenhuma sorte suspiram pelo governo dos snrs. Italianissimos.

Esta festa foi a resposta mais digna que podia dar-se ás proclamações dos revolucionarios que na manhã do mesmo dia recommendavam a abstenção de todo e qualquer acto de demonstração solemne. Desta vez os Mazzinistas, Garibaldinos e companhia perderam todo o seu trabalho, e foram corridos. Pena foi que elles não pudessem fazer alli o mesmo uso das tropas Italianas, que fizeram os Mazzinistas e Garibaldinos de cá das tropas Portuguezas na noite de 13 de Maio ultimo em Braga. Se tal acontecesse haviamos de ouvir contar por ali grandes factos de valor e heroicidade.

Damos publicidade por extenso á noticia a que nos referimos.

«As correspondencias de Roma dão muito interessantes pormenores da celebração do anniversario da volta de S. Santidade de Gaeta. Ao mesmo tempo, o «*Moniteur*» exprime-se n'estes termos, no principio do seu boletim, acerca d'esta festa romana:

«O anniversario da volta do Santo Padre a Roma, a 12 d'Abril, celebrou-se brillantemente por meio d'uma subscrição publica e completamente espontanea, ainda que se houvessem espalhado no mesmo dia pelos diversos bairros da cidade; excitações a uma abstenção geral.»

O *Moniteur* não se contentou com estas poucas linhas já de si muito significativas, Eis o que lêmos no seu numero immediato:

Foi por meio d'uma subscrição publica e completamente espontanea que se occorreu ás despesas d'esta festa, cuja magnificencia nunca foi excedida; segundo se afirma. Esta manifestação, por assim dizer inesperada; tem tanto maior significação, quanto, pela manhã, ás commissões revolucionarias tinham publicado ás suas costumadas proclamações recomtendando a abstenção que sempre exigem em circumstancias similhantes. Sobretudo d'esta vez foi completa a sua derrota.

E' isto, de resto, o que poderam verificar os numerosos estrangeiros que se acham em Roma, e que poderam ver pessoalmente quanto ha de falso e errado nos sentimentos e na attitudé que prestam á população romana alguns diarios mal informados das suas disposições; dos seus costumes.

Este dia inteiro, que não foi perturbado por accidente algum desagradavel, prova que a população de Roma volta cada vez mais aos sentimentos que lhes são naturaes, e se desprende dos terrores que procuram inspirar-lhe com ameaças mais facéis de propagar que d'executar.

Assim, o *Moniteur* o declara, a festa foi magnifica; a immensa maioria da população romana tomou parte n'ella, e manifestou a respeito de Pio IX sentimentos de amor e fidelidade que não podem pôr-se em duvida. Não se deve esquecer que a festa de 12 era primeiro que tudo e sobretudo pontifica: Roma celebrava n'aquelle dia o anniversario da volta do Papaz, que se vira obrigado a fugir ante a revolução; festejava ao mesmo tempo a restauração do governo temporal.

Demais, os sentimentos da população

romana são os mesmos que os das populações das marcas e legações.»

Noticias de Napoles são conformes em affirmarem que ainda alli existem forças armadas em favor de Francisco II e recêcia-se que succeda o mesmo na Sicilia.

O padre Passaglia, ora deputado italiano, offereceu um projecto de lei para obrigar os padres a serem juramentados; mas foi muito infeliz n'esta tentativa. Este projecto foi tão mal recebido dos proprios revolucionarios que teve de retirá-lo.

A imperatriz dos francezes soffred um leve incommodo de saúde.

Em França está-se tratando de eleições. Diz-se em Paris que as negociações diplomaticas continuam activamente, e que em breve terá lugar a conferencia europea para fixar a sorte da Polónia.

Nas câmaras inglezas agita-se a questão da Polónia e da Italia.

Enquanto á Polónia vê-se que continúa a lucta entre os polacos e os russos, e que estes se preparam para empregarem medidas de rigor.

O rei da Prússia oppoz-se a que se puzesse em estado de sitio a provincia de Posen.

As noticias do Mexico annunciam a tomada de Puebla pelos francezes, menos os fortes de Guadalupe e Loreto.

Damos publicidade a um pequeno folio da tomada d'aquella cidade.

Os francezes, a 23 de março, tinha conseguido sitiar Puebla; e a 27 uma parte do seu exercito occupará a cidade. Principiou o fogo contra o edificio da cadeia, que estava bem fortificado, e pôde resistir até 31. Nesse dia, os francezes abriram brecha, avançaram e tomaram a praça por assalto.

Os sitiadores, em seguida, tomaram successivamente a bayoneta duas outras posições fortificadas, e já de posse da cidade, occuparam as duas ruas principaes que levam á praça de armas.

Sendo destruidas as barricadas que tinham construido n'aquellas ruas, os zúavos e o 99.^o regimento de linha, auxiliados pelos sapadores, avançaram ao longo das casas e desalojaram d'ellas as tropas mexicanas.

Por fim, tomaram a praça de armas e a cathedral, que fôra transformada em especie de fortaleza.

Os pontos mais energeticamente atacados pelos francezes foram os fortes de San-Xavier, e de Parral, porque dominavam a estrada Puebla para o Mexico.

Os francezes tambem conseguiram apoderar-se da ponte sobre o rio Petró.

O general Commonfort que levava doze mil homies, comprehendendo os esforços enviados por Juarez, não pôde, como se sabe, chegar a Puebla, porque os francezes lh'o impediram.

Nos Estados-Unidos ainda continúa a guerra. Por enquanto a diplomacia ainda não fez cousa alguma.

DESPACHOS TELEGRAPHICOS

Trieste 9. — Em Athenas foi adiada a publicação da correspondencia do rei Obon. Pasquins contra a eleição do novo soberano.

O presidente e o ministro do interior demittiram-se.

Roma 9. — O Papa apesar de estar de cama recebe os cardeaes e trata dos negocios publicos.

Paris 9. — No dia 13 de Maio expira o prazo da amnistia e fazem-se ameaças em Varsovia, de que depois d'aquelle dia serão empregadas as medidas de rigor,

por outro lado, os sublevados mostram-se impacientes por atacar Varsovia.

Paris 11. — As noticias de Veracruz de 16 dizem que os francezes estavam senhores de todos os pontos de Puebla menos dos fortes Guadalupe e Loreto.

Os mexicanos empregaram energica resistencia em todos os pontos da cidade.

Os francezes tiveram 150 mortos e 500 feridos.

Berlim 9. — O ministro da justiça apresentou á camara um requerimento do fiscal de Posen para processar os deputados Gultri e o conde Dzislinski, accusando-os de tentativa de alta traição.

O requerimento foi remittido á commissão de justiça.

Paris 10. — A circular do conde de Persigny aos prefeitos, relativa ás eleições, produziu excellentes effectos em toda a França, segundo os avisos telegraphicos recebidos dos departamentos.

Russia. — Parece que o príncipe Gortschakoff, em uma conversação particular que tivera com duque de Montebello, declarou que, se lhe propozessem a reunião de uma conferencia, a Russia acceptaria-a-hia com a condição de que o programa das questões a resolver fosse previamente manifestado com exactidão.

Roma 11. — O papa saiu para visitar os principados de Velletri e Frosinone. Deve regressar no dia 20.

ORAÇÃO

PELO PAPA E PELA EGREJA

Composta por um devoto por occasião da manifestação religiosa que teve lugar em Braga no anniversario de de Sua Santidade Pio 9.

Senhor Deus, Filho de Deus vivo, pela igual a vossa Pae e Deus como elle desde toda a eternidade, que tendo-vos feito homem nossa salvação, fundastes vossa Igreja sobre a pedra, contra a qual nunca prevaleceram as portas do inferno, nos vos bendizemos e damos graças por nos terdes dado por mãe esta Igreja; unica, santa, catholica, apostolica, romana. Somos seus filhos e vos pedimos por ella. Bem sabemos que nunca a abandonareis, que ella ha de subsistir até ao fim dos tempos, conservando o sagrado deposito de vossa verdade, sacramentos e promessas; porfim pedimos-vos que a consoleis nas suas provações, que as abrevieis e que multipliqueis sua alegria segundo a multidão de suas tribulações. Conservai, fortificai e coraei com vossas benções a Cabeça que lhe d'estes, o successor de S. Pedro; vosso vigario, o pae commum dos vossos fiéis. Bendizemi vossas graças sobre todos os pastores que, debaixo de sua auctoridade, têm o encargo de nossas almas, derramai-as sobre nós mesmos, fortificando-nos na fé, esperança e caridade. Fazei que nem a seducção, nem as perseguições, nem o poder dos homens, nem os artificios do inferno nos apartem já mais da vossa Igreja e da Cadeia de S. Pedro! Que por nossa fé e obras nos mostremos sempre dignos do nosso glorioso nome de catholicos! Estas graças vos pedimos pela intercessão de vossa Mãe, a immaculada Virgem Maria, dos Santos Apostolos Pedro e Paulo, de todos os Apostolos e dos outros vossos Sanctos. Amen.

Com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Trovoada. — Quarta feira á noite, na occasião em que se estava continuando o leilão em beneficio do asylo, formou-se sobre esta cidade uma ligeira, mas fortissima trovoada, a qual despediu uma faisca electrica, que cahiu sobre o fio do telegrapho, e que se sumiu pelo conductor, sem causar grandes avarias.

A praça do Toural estava atulhada de gente, que assistia ao leilão, mas quando scintillou o relampago de que se despediu a faisca, ouviu-se um grito unisono de horror, e passado o deslumbramento causado pela luz do relampago, não se via ninguem no campo.

Pouco depois cessou a trovoada, mas o leilão não continuou.

Quarta divisão militar. — Já chegou a Braga, para tomar o commando da quarta divisão militar, o sr. brigadeiro Taborda.

Theatro. — Houve quinta feira o beneficio dos actores — Ferreiras. Representou-se o drama em 3 actos *Os ultimos tres dias d'um sentenciado*, e a comedia n'um acto — *Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita*. Um dos beneficiados recitou um monologo de gratidão aos vimaranenses. Concorrença regular.

Roubo, prisão e fuga. — N'um dos dias d'esta semana achou-se roubado na quantia de setenta e tantos mil réis, o sr. José Rodrigues, empreiteiro de alguns lanços da estrada d'esta cidade a Fafe. Suspeitando que o roubo tinha sido um vigia, que estava na companhia d'elle e que n'esse dia tinha ido para o Porto, dirigiu-se acceleradamente para lá o sr. José Rodrigues, e lá o encontrou, vestido elegantemente, e transformado de maneira, que lhe custou a conhecê-lo.

O roubo foi prezo, e apresentou o roubo, empregado em roupa, lenços de seda, vidros de perfumaria, etc. Todos estes objectos foram entregues ao roubado, e roubado e roubo vieram para esta cidade, onde, sendo entregue este á competente auctoridade, pôde de novo evadir-se, na occasião em que o proprio sr. administrador, e o sr. José Rodrigues o estavam a metter na cadeia.

Meza. — A meza da V. O. 3.ª de S. Domingos, para este anno de 1863 a 1864 ficou composta da seguinte maneira:

Prior — O ex.º visconde de Santa Luzia.
Sub-prior — O conego Francisco d'Abreu Bacelar.

Secretario — José Maria Gomes d'Azevedo
Vigario do culto Divino — O reverendo Roque Teixeira d'Araujo Pereira.

Mestre de noviços — José Vieira Cardoso
Zelador geral — Domingos José de Sousa
Thesoureiro geral — Francisco Martins da Costa Guimarães.

Caixa do hospital — Manoel Joaquim d'Almeida.

Caixa dos entrevados — Francisco Dias de Castro Sampaio.

Thesoureiro do Sagrado Lausprene — Joaquim José Leite da Silva Guimarães.

Consultores — Augusto Henriques da Costa — Manoel José da Silva Miranda.

Zeladores da cêra — Manoel Gonsalves de Oliveira — Antonio Joaquim Leitão.

Prioreza — A ex.ª sr.ª D. Maria da Conceição Vaz Napolés do Amaral.

Sub-Prioreza — « « « Etelvina de Jesus Menezes e Areias.

Mestra de noviças « « « Luiza Benedicta Salgado.

Saristias — As ex.ªs sr.ªs D. Rosa Maria da Silva — « Cecilia Rosa da Conceição Custodia Emilia — « Antonia Emilia Sjuza.

Mitra do Algarve. — Consta que se achou nomeado bispo para a diocese do Algarve o sr. conego Moraes Cardozo, que foi confessor de S. M.

Publicação. — O sr. Francisco Soares Franco, conego da sé da Guarda, escriptor e orador muito estimado não só n'esta capital mas tambem na provincia, vai escrever um «Anuario christão».

Esta obra deve ser mui proveitosa para o clero, e de certo servirá para desenvolver a boa educação religiosa, porque o auctor é homem liberal, estudioso e probo.

As pessoas devotas tambem encontrarão no «Anuario christão» agradável e util leitura.

Como as emprezas litterarias de certo vulto não podem medrar sem auxilio estranho, parece que o governo está resolvendo a proteger a publicação do «Anuario», e assim animar o trabalho do esclarecido e laborioso auctor e a instrução religiosa. (G. de Portugal).

O Sr. D. Fernando. — Sua Magestade está ainda em Hespanha, e tem sido feliz e obsequiado na sua viagem. Apenas ha dias se lhe tombou a carruagem na Andaluzia, mas sem perigo para ninguem.

Tem visitado Sevilha, onde se demorou a ver o muzeu de pinturas que muito elogiou e d'ahi partiu para Cordova, onde chegou na sexta feira da semana passada, sendo recebido na estação pelos governadores civil e militar e pelo alcaide.

Em Aranjuez, onde está actualmente a corte castelhana, foi recebido solemnemente pela rainha D. Isabel II. (A Liberdade).

Condemnação para exemplo. — Ha dias foi julgado em audiencia correccional, e condemnado a pagar a multa de 20\$000 rs. o barbeiro José Semedo, de Larçã, accusado de sangrar e applicar medicamentos sem ordem de medicos nem auctorisação pessoal, e, especialmente, de ter sangrado ultimamente um empregado do caminho de ferro, que ha graves presumpções de que morrera por causa da sangria.

Bem haja a auctoridade que assim vela pelo credito da nossa civilisação, que ha-de acabar por destruir de todo o charlatanismo. (Idem)

Real hospede. — Num dos dias da semana proxima passada chegou a Lisboa, vindo de Hespanha S. A. R. o duque de Brabante, principe herdeiro do furo da Belgica. S. A. foi recebido no arsenal, onde desembarcou, vindo do caminho de ferro do sul, pelo ministro da Belgica, pelo ministerio e varias pessoas distinctas. No arsenal estava postada uma guarda d'honra com bandeira e musica. S. A. foi conduzido ao palacio da Ajuda n'uma carruagem da corte. O principe, pelo que diz a «Revolução de Setembro», é de presença agradável, figura distincta e physionomia intelligente. (Idem)

AGRADECIMENTO.

Domingos de Freitas Guimarães, penhoradissimo para com todos os seus amigos e pessoas que o felicitaram pelo seu despacho de escrivão de direito da comarca de Vossella, e não podendo por outra forma agra-

decêr-lhes, e diser-lhes adeus, o faz aqui tributando-lhe sincera gratidão.

Vossella 14 de Maio de 1863.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

BOLETIM DO CLERO E DO PROEESORADO.

FOLHA SEMANAL.

Este periodico sae todos os sabbados. Os snrs. que tiverem a bondade d'assignar, e os mais que quizerem coadjuvar esta util publicação, terão a bondade de enviar o importe da sua assignatura, por meio de um vale do correio, ou em estampilhas.

PREÇO DA ASSIGNATURA.

Por um anno ou 52 numeros sem estampilha.....	2\$000
Com estampilha.....	2\$260
Por semestre ou 49 numeros com estampilha.....	1\$410
Com estampilha.....	1\$230
Por trimestre ou 13 numeros sem estampilha.....	600
Com estampilha.....	665
Folha avulsa.....	50
Annuncios pertencentes ás duas classes, cada linha.....	20
Para os snrs. assignantes, gratis.	

Recebem-se assignaturas no escriptorio da redacção, Lisboa — rua da Saudade n.º 3 — para onde deve ser remettida toda a correspondencia, franca de porte. A redacção annuncia todas as publicações litterarias, quando lhe forem enviados dois exemplares. As assignaturas a folhas só são acceptas para a capital.

ANNUNCIOS.

PELO Juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Freitas Costa tem de se arrematar, no dia seis do proximo mez de Junho, pelas nove horas da manhã, na casa do Tribunal das Audiencias d'este julgado, no extincto convento de S. Domingos d'esta cidade, duas moradas de casas designadas pelos numeros 26 e 27, sitas na rua das Muffanhas desta cidade, por execução que move Roza Maria, viuva d'esta cidade, contra Maria Carma d'Araujo viuva da mesma. Quem as pretender arrematar pôde comparecer no referido dia, local e hora. (60)

PELO Juizo de direito desta comarca, e cartorio de escrivão Freitas Costa correm editos de tres mezes a contar de 12 do corrente mez de Maio, a chamar e citar o auzente em parte incerta Manoel Correia filho de José Correia de Oliveira Mendes e mulher D. Maria de Jesus Ferreira que foram d'esta Cidade, para que passados os ditos tres mezes compareça por si ou seu bastante procurador na 2.ª audiencia d'este mesmo Juizo, afim de fallar a artigos de habilitação por fallecimento de seus thios João Antonio Ferreira dos Santos, e José Ferreira dos Santos que foram d'esta mesma cidade, e a todos os seus termos até final, cujo incidente corre no inventario de seus avós, D. Roza Maria da Conceição, e marido Manoel José Ferreira dos Santos que forão d'esta Cidade, contra elle reo auzente e outros a requerimento de sua thia D. Thereza Amalia Gerales Ferreira authorisada por seu 2.º marido d'esta Cidade. (58)

NO Juizo de direito d'esta comarca, e pelo cartorio d'Oliveira, se passaram a 13 do corrente mez de Maio editos de tres mezes, a citar Manoel Ferreira Maia auzente no imperio do Brazil em parte incerta, para na segunda audiencia do mesmo juizo, passados que sejam os tres mezes a correr da data dos ditos editos, vir ou mandar seu bastante procurador ver accusar a citação, e assignar dia, para a inquirição de testemunhas com que se tem de reduzir a publica-forma o testamento nuncupativo de sua fallecida tia Maria Maia, viuva que foi do logar do Ribeirão da freguezia de S. Martinho de Leitões, a requerimento do herdeiro por esta instituido, Simão Ferreira da mesma freguezia de S. Martinho de Leitões. (64)

A junta de parochia da freguezia d'Aldão, tem para dar a juro da lei a quantia de 140\$000 rs. Quem quizer tomar a referida quantia dirija-se ao reverendo parcho ou a Jeronimo de Carvalho e Oliveira, da Granja. (59)

MASTIG OBTURATEUR
Gutta-percha silicate.
JOSÉ ROUFFE
RUA DOS MERCADORES. — HOTEL PORTUENSE
Cirurgião dentista.

Uma das melhores invenções que até hoje se tem feito! a Gutta-percha silicate tem a virtude que não se encontra em nenhuma classe de metal. O dente chumbado ou obdurado é da mesma cor do natural, ea operação faz-se sem experimentar dor; não cae nunca e preserva os outros dentes. José Rouffe tem um grande sortimento de dentes minerais de todos os preços cuja qualidade garante, elixir de Boto muito afamado por suas excellentes qualidades para diferentes enfermidades como escorbuto, aftes, e dentes abalados etc. etc. Igualmente dentaduras de todas as qualidades. (55)

A comissão promotora do leilão de prendas em beneficio do asylo de Santa Estephania — amor de Deus e do proximo, querendo cortar e apoucar as despezas, resolverem que d'ora avante os dias de leilão fossem annunciados por foguetes e bandeiras collocadas no palacete do Toural, e não por musica como até aqui tem sido: o que annuncia, para conhecimento do publico.